



PROTAGONISMO FEMININO: VALORIZAÇÃO DO FRUTO NATIVO E GERAÇÃO DE RENDA PARA AS FAMÍLIAS NO SEMIÁRIDO BAHIANO

OLIVEIRA, Andréa Jesus¹; **SOUZA, Clemilda Rosa**²; SOUZA, Leandro Abreu³; LIBARINO, Maria de Fátima Sampaio⁴

¹Estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo- Ciências Agrárias. Pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB, Campus Amargosa Bahia.

² Estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo- Ciências Agrárias. Pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB, Campus Amargosa Bahia. Bolsista do Programa Residência Pedagógica- CAPES- integrante do grupo de estudos sobre a Pedagogia Histórico Crítica de Dermeval Saviane, da UFRB.

³Estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo- Ciências Agrárias. Pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB, Campus Amargosa Bahia.

⁴Estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo- Ciências Agrárias. Pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB, Campus Amargosa Bahia.

RESUMO

Em meio à Caatinga, região Semiárida da Bahia, fica localizado o município de Manoel Vitorino, uma cidade de pequeno porte com aproximadamente 14 mil habitantes. As principais atividades são agricultura, pecuária de pequeno porte e extrativismo do Umbu, uma fruta nativa do lugar de safra sazonal que movimenta uma grande parte da economia da região. Buscando valorizar o fruto e gerar renda para as famílias, um grupo de mulheres se juntaram para criar uma cooperativa que pudesse vender seus produtos derivados do Umbu. E assim, na cara e na coragem, montaram uma cozinha em espaços improvisados para trabalhar, como precisavam de legalizações para o empreendimento, aceitou a ajuda dos governantes da época e foram enganadas. Mas não desistiram e se reergueram, no grupo tinha apenas um homem. Este trabalho foi desenvolvido por um grupo de quatro estudantes, dois deles são sócios cooperados na empresa citada, visando relatar e divulgar a vivência de um grupo de pessoas trabalhadoras que buscam conquistar uma valorização do produto nativo da região e, concomitantemente, gerar renda para as famílias envolvidas.

PALAVRAS- CHAVE: Grupo De Mulheres, Geração De Renda, Valorização Do Umbu, Cooperativa.

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido por um grupo de quatro estudantes, onde dois deles são sócios cooperados na empresa citada, e visam relatar e divulgar a vivência de um grupo de trabalhadores que buscam conquistar maior valorização do que produz e, concomitantemente, gerar renda para as famílias envolvidas.

Cabe ressaltar que a sociedade capitalista é caracterizada pela competição, tanto entre as empresas que precisam vender seus produtos, quanto pelos trabalhadores que precisam de emprego. Nessa lógica sempre existirá um vencedor e um perdedor, vencerá a empresa que tiver o melhor produto e o melhor preço, da mesma forma o trabalhador que tiver o melhor currículo ou melhores experiências será considerado o vitorioso. O que acaba acarretando em uma série de problemas sociais.

Na correria em busca do êxito todos que estão inseridos nesse sistema e acabam não se importando com os outros tidos como perdedores, deixando, assim, muitos à margem da sociedade sem condições básicas de existência. Sobre isso, SINGER (2012, p.8) destaca que

o capitalismo produz desigualdade crescente, verdadeira polarização entre ganhadores e perdedores. Enquanto os primeiros acumulam capital, galgam posições e avançam nas carreiras, os últimos acumulam dívidas pelas quais devem pagar juros cada vez maiores, são despedidos ou ficam desempregados até que se tornam *inimpregeáveis*, o que significa que as derrotas os marcaram tanto que ninguém mais quer empregá-los. Vantagens e desvantagens são legadas de pais para filhos e para netos. Os descendentes dos que



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

acumularam capital ou prestígio profissional, artístico, etc. Entram na competição econômica com nítida vantagem em relação aos descendentes dos que se arruinaram, empobreceram e foram socialmente excluídos. O que acaba produzindo sociedades profundamente desiguais.

É dentro deste contexto de competição e de aumento das desigualdades sociais provocada pela economia capitalista que surge a Economia Solidária em contraposição à lógica capitalista, pois consiste em uma forma de organizar as pessoas que foram excluídas do sistema, os considerados perdedores, em torno de uma atividade econômica que seja sustentável, além de ter o cuidado com as pessoas.

A economia Solidária consiste em grupos de pessoas formais ou informais que trabalham em conjunto, tanto na produção, quanto na comercialização dos produtos. Desse modo, não existe patrão nem empregados, todos são donos do negócio, fazendo assim a divisão igualitária dos lucros e também prejuízos, quando aparecem. Portanto, uma das maneiras mais comuns de institucionalizar a Economia Solidária é através do Cooperativismo.

A influência do cooperativismo no município de Manoel Vitorino é marcante não só pela economia dos cooperados e do município, mas também no âmbito político e social, tendo em vista que existe toda uma formação social em torno dos cooperados e dos agricultores familiares do município.

Neste trabalho serão apresentados os resultados de uma pesquisa realizada na Cooperativa de Produção e Comercialização da Agricultura Familiar do Sudoeste da Bahia, (COOPROAF), que tem sua sede na cidade de Manoel Vitorino, estado da Bahia, com o objetivo de entender como ocorre o processo de organização e de autogestão de um empreendimento solidário, e ao mesmo tempo conhecer a trajetória de luta da cooperativa em busca do seu reconhecimento e do desenvolvimento dos seus cooperados.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa explicativa segundo os objetivos. Para Gil 2002, este tipo de pesquisa tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para ocorrência dos fenômenos. É um estudo de campo com procedimentos técnicos que, segundo Gil 2002, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Nesse sentido, o curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciência Agrárias, realizou uma aula de campo com os estudantes em uma Cooperativa de Produção e Comercialização de Produtos da Agricultura Familiar do Sudoeste da Bahia, COOPROAF. A cooperativa em estudo está localizada no município de Manoel Vitorino, cidade do sudoeste baiano, no Território de Identidade Médio Rio de Contas, com filiais em duas comunidades rurais que trazem histórias de lutas de homens e mulheres camponeses. O clima é o Semiárido, e o bioma é Caatinga.

O produto forte da região e fonte de renda é o Umbu, que, até então, só era extraído pelos agricultores e vendido aos atravessadores para exportações.



A Cooperativa de Produção e Comercialização da Agricultura Familiar do Sudoeste da Bahia a (COOPROAF) começou com um grupo de mulheres moradoras da cidade de Manoel Vitorino. Essas mulheres desejavam apenas a dignidade de trabalhar em algo que lhes trouxessem satisfação e renda para o sustento da casa.

Utilizando utensílios de suas próprias cozinhas e locais emprestados, como cantinas de escolas municipais, as “umbuzetes”, como também são conhecidas, pouco a pouco foram desenvolvendo as habilidades adquiridas em um curso ministrado pelo Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada o (IRPAA). No curso, estavam presentes um grupo de 13 pessoas.

No ano de 2007, foi registrada a primeira Cooperativa com um quadro de 45 cooperados. Nessa etapa participaram também da criação alguns representantes de associações rurais, porém essa primeira tentativa não deu certo. Dos 45 cooperados, apenas 24, sendo 23 mulheres e um homem permaneceram firmes no sonho. O trabalho incansável dessas pessoas ganhou importantes aliados, como o Instituto de Formação Cidadã São Francisco de Assis (ISFA), cujo apoio faz parte da rotina diária, ajudou inclusive com as questões burocráticas e administrativas do registro da COOPROAF, sendo registrada uma nova cooperativa no ano de 2010.

No ano de 2012, o Projeto Gente de Valor (PGV), da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), veio para fomentar o desenvolvimento da cooperativa, provendo assessoria técnica e investimento no capital físico e humano.

Com a integração dos ‘subterritórios’ (nome dado aos grupos formados pela junção das comunidades onde o PGV atuava), a COOPROAF passou a atuar nas comunidades rurais de Poço da Pedra, Barra da Purificação e São João, no município de Manoel Vitorino, e Espírito Santo no município de Mirante, agregando famílias agricultoras e ampliando, assim, o quadro de cooperados que passou de 24 para 67. Nesse período, a cooperativa conseguiu três agroindústrias com o apoio do PGV e uma financiada pela Caixa Econômica com o apoio do Território de Identidade Médio Rio das Contas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As cooperativas no nosso País estão regulamentadas na Constituição Federal, no Novo Código Civil e também por uma lei específica, a 5.764/71, conhecida como ‘Lei do Cooperativismo’. No Brasil, as cooperativas são reconhecidas legalmente como uma das formas de organização de empreendimentos coletivos. (CARDOSO, 2014, p. 7).

A COOPROAF é um empreendimento solidário que reúne centenas de famílias em torno da produção que beneficia e comercializa derivados de frutas nativas, principalmente umbu, e hoje possui um quadro de cooperados com 76 membros.

A missão da cooperativa é contribuir para o fortalecimento da Agricultura Familiar, promover a sustentabilidade da produção e ser economicamente viável, socialmente justa e ecologicamente correta.



Como afirma Singer, 2002, a economia solidária foi concebida pelos “utópicos” como uma nova sociedade que une a forma industrial de produção com a organização comunitária da vida social.

A visão da organização é viabilizar e comercializar produtos da Agricultura Familiar do sudoeste da Bahia, visando melhorar a qualidade de vida das famílias envolvidas.

A COOPROAF vem cada vez mais demonstrando seu valor nesse contexto socioeconômico e, através da cadeia produtiva do umbu, aproxima-se das comunidades rurais. Com perseverança constrói relações de parceria. A cooperativa também possui uma diretoria executiva eleita em Assembleia Geral, composta por três membros, Presidenta, Secretária, Diretor Financeiro e também conta com uma Gerente de vendas, uma Chefe de produção, e uma controladora de estoque.

As unidades rurais também são autogeridas, possuem um grupo de gestão composto por seis membros, um Gerente Geral, dois controladores de estoque, dois auxiliares de comercialização e uma chefe de produção. Essa equipe de gestão interna tem liberdade para decidir a forma melhor de se organizar para trabalhar. Quando se trata de questões mais complexas como: demanda de produtos, pagamentos, e/ou vendas, entre outras, aí é levada para assembleia geral. Nesse sentido, Singer vem nos dizer.

A empresa solidária quando ela é pequena, todas as decisões são tomadas em assembleias, que podem ocorrer em curtos intervalos, quando há necessidade. Quando ela é grande, assembleias gerais são mais raras porque é muito difícil organizar uma discussão significativa entre um grande número de pessoas (SINGER, 2002, p.18).

Atualmente, COOPROAF possui 04 unidades de produção de beneficiamento de frutas, duas na sede do município e outras em duas comunidades rurais - sendo uma delas no município vizinho Mirante; uma loja, onde são comercializados os produtos fabricados nas agroindústrias, que também funciona como lanchonete, e/ou espaço para festas. Também possui três automóveis, um deles é uma Ford Ranger que foi adquirida através da CAR e o PGV no ano de 2012. Recentemente, foi contemplada com dois caminhões Baú, pela Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR). Faz, também, entregas aos Programas Sociais, como: PAA, PNAE, CONAB, etc. Além de ser parceira do Instituto de Formação Cidadã São Francisco de Assis (ISFA), e de associações da região.

No ano de 2013, foi adquirida por meio de políticas públicas 10 unidades de beneficiamento e 01 unidade central que será construída no município de Jitaúna, lá o trabalho será com outras frutas, como, por exemplo, goiaba, banana, maracujá amarelo, etc.

FOTO 01: ÁREA EXTERNA DE UMA DAS FABRICAS DE BENEFICIAMENTO DE FRUTA



III CIFA
COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

FOTO 02: ESPAÇO INTERNO DE UMA DAS FÁBRICAS DE BENEFICIAMENTO DE FRUTAS (SALA DE PRODUÇÃO).



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

FOTO 03: ESPAÇO INTERNO DA LOJA ONDE SERÃO COMERCIALIZADOS OS PRODUTOS.



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo o que foi apresentado, percebe-se que, fazer economia solidária não é uma tarefa muito fácil, são muitos os desafios que precisam ser superados para chegar ao êxito. Trabalhar de forma coletiva requer alguns cuidados para que os princípios que regem o cooperativismo sejam respeitados, pois vivemos em uma sociedade que o capital está impregnando no interior das pessoas, o que acaba na maioria das vezes impossibilitando o trabalho coletivo, pois o mesmo exige, num primeiro momento, uma dedicação a mais e de forma voluntária, isso explica o motivo pelo qual muitas cooperativas não prosperaram. Para trabalhar de forma solidária, requer uma mudança na forma de pensar, pois, quem estava acostumado a trabalhar individualmente para um patrão e receber uma quantia por isso sem maiores responsabilidades com as formas de produção e com os resultados, agora vai ver como um empreendedor precisa atentar para todas as questões necessárias, para o bom funcionamento da empresa e para o desenvolvimento dos seus membros.

Trazendo para o contexto da COOPROAF, é notório o esforço que os seus fundadores tiveram para que seus sonhos se concretizassem, depois de algumas tentativas fracassadas, hoje ela tem avançado consideravelmente, tanto na estrutura física, quanto no quadro social.

Segundo relatos dos entrevistados, a cooperativa apresenta maior dificuldade na gestão do empreendimento e na comercialização dos produtos, talvez isso se deva ao fato de as pessoas não



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

possuírem formação específica nessas áreas e precisem lidar com um mercado competitivo, já que empresas se inovam o tempo todo, investem em marketing e publicidade. Com isso, as empresas solidárias já chegam no mercado com uma certa desvantagem, pois a população costuma ser influenciada pelas propagandas, e mudar o pensamento das pessoas tem sido desafiador.

Diante de tudo que foi estudado e com base na visita à COOPROAF, fica a mensagem de que, a economia solidária vai muito além da fabricação de produtos, é um modo de vida, e precisa ser internalizado por todos dentro da organização, mas que não dá para ficar apenas com a visão romântica do negócio.

Portanto, é fundamental para o avanço da organização a busca do conhecimento sobre métodos e técnicas que são utilizadas no mercado capitalista, porém, também é importante considerar que a cooperativa é uma alternativa para as famílias que vieram em busca de uma independência financeira. Além de agregar valor ao umbu, o forte da região, também veio junto o empoderamento das mulheres e de suas famílias no processo de construção do saber e do conhecimento por uma vida melhor.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Univaldo Coelho. CARNEIRO, Vânia Lúcia Nogueira, RODRIGUES, Edna Rabelo Quirino. **Empreendimentos coletivos cooperativa. – Brasília:** Sebrae, 2014.

GIL, Antônio Carlos, **Como elaborar projetos de pesquisa** 4ª edição São Paulo; Atlas 2002.

SINGER, Poul. **Introdução a economia solidária.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.